

## ***Bibliofut, uma mina de ouro: um livro sobre livros de futebol***

**Elcio Loureiro Cornelsen**

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte / Brasil  
Doutor em Germanística pela Freie Universität Berlin  
emcor@uol.com.br

“Uma mina de ouro” – com essa expressão lapidar e precisa, o jornalista e escritor Maurício Stycer intitula o “Prefácio” da obra *Bibliofut: a literatura do futebol brasileiro*,<sup>1</sup> de Domingos Antonio D’Angelo e Ademir Massayoshi Takara, lançada em setembro de 2019. Por diversos aspectos, sobre os quais discorreremos, brevemente, a seguir, trata-se, de fato, de uma “mina” que contém tesouros valiosíssimos.

De início, ao explorarmos os paratextos editoriais da obra, nos deparamos com preciosas informações sobre sua concepção. Cada autor escreveu uma “Apresentação”, e elas nos auxiliam na compreensão do projeto que culminou com a publicação do livro *Bibliofut*.

Em sua “Apresentação”, Domingos Antonio D’Angelo, consultor de relações do trabalho e conselheiro vitalício do São Paulo Futebol Clube, logo de início, aponta de onde surgiu a ideia de escrever e editar uma obra que se caracterizaria como uma espécie de “arquivo referencial” de livros publicados desde o início do século XX até 2018, nas mais diversas áreas, que teriam por tema o futebol no Brasil: “A ideia de escrever um livro sobre a Literatura do Futebol Brasileiro foi sugerida pelo jornalista e pesquisador Gustavo Longhi de Carvalho, em uma de nossas apresentações, em suas aulas em um curso de pós-graduação em Jornalismo Esportivo”.<sup>2</sup>

Autor de obras sobre futebol, entre elas: *Hélio Maffia à sua maneira* (2000), sobre o preparador físico e treinador Hélio Maffia, *Milani – o artilheiro voador* (2003), biografia do jogador Mário Milani, que atuou no Sport Club Corinthians Paulista, na década de 1940; e *Infográficos das Copas* (2009), em parceria com Rodolfo Rodrigues, Gustavo Longhi de Carvalho merece os agradecimentos, “pela sugestão de escrever e contínuos incentivos e informações futebolísticas”.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> STYCER. Prefácio: uma mina de ouro, p. 9.

<sup>2</sup> D’ANGELO. Apresentação, p. 11.

<sup>3</sup> D’ANGELO. Apresentação, p. 12.

Entretanto, durante a “gestação” da ideia, o surgimento de outra figura ímpar, quando o assunto é literatura do futebol, fez com que o projeto ganhasse novo impulso e dimensão: Ademir Takara, historiador e bibliotecário do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), do Museu do Futebol, com sede no Estádio do Pacaembu, em São Paulo.

Apaixonado por livros de futebol, Ademir Takara transformou a paixão em objeto de estudo. Em 2006, já formado em História pela USP, escreveu uma monografia para conclusão do curso de Biblioteconomia, da Escola de Comunicações e Artes, também na USP, intitulada *Produção bibliográfica sobre futebol no Brasil (1906-2006): análise bibliométrica*.<sup>4</sup> Em entrevista concedida em 2019 a Gustavo Cerqueira Guimarães, editor da *FuLiA / UFMG – Revista eletrônica sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes –*, que representou “uma grande aula sobre livros de futebol, edição e memória, ou sobre como guardar o que a gente ama”,<sup>5</sup> o bibliotecário revelou o seu interesse pelo tema desde a infância e o sonho de poder, mais tarde, colaborar com seus conhecimentos para a constituição de um acervo com obras de futebol, que se materializaria com o seu ingresso no CRFB, do Museu do Futebol:

Eu tinha o sonho de montar uma biblioteca especializada em futebol. Sempre gostei demais de futebol. Desde os oito anos, eu nasci em 1977, gostava de guardar os cadernos de esportes dos jornais. Lia e relia matérias sobre meu time, o São Paulo, e sobre a Seleção Brasileira, sempre encontrava alguma história interessante. Meu sonho de consumo quando criança era a revista *Placar* e o jornal *A Gazeta Esportiva*.<sup>6</sup>

Assim, Domingos Antonio D’Angelo, um dos 16 pesquisadores que fundaram, em 2007, o Memofut (Grupo de Literatura e Memória do Futebol), em 2007, grupo de excelência quando o assunto é a preservação da memória do futebol brasileiro. Como bem aponta Maurício Stycer, o núcleo de pesquisa é caracterizado pela “vontade de resgatar, preservar e divulgar as histórias do

---

<sup>4</sup> TAKARA. Apresentação, p. 13.

<sup>5</sup> GUIMARÃES. Guardar o futebol, um “eterno plantão”: entrevista com o bibliotecário Ademir Takara, p. 157.

<sup>6</sup> GUIMARÃES. Guardar o futebol, um “eterno plantão”, p. 158.

passado”,<sup>7</sup> e que teve a sua efusiva contribuição para levar o projeto adiante: “Juntamos esforços e a dupla para uma ‘tabelinha’ se formou”.<sup>8</sup>

O prefaciador da obra assim saúda com todo o mérito tal parceria: “Um livro sobre livros de futebol. Que maravilha! E quem poderia se dedicar a um projeto desses senão o bibliotecário do Museu do Futebol (Takara) e o criador do Memofut (D’Angelo), dois apaixonados por livros”.<sup>9</sup> E em sua “Apresentação” do livro, Ademir Takara conta detalhes desse encontro com ‘Seu’ Domingos em fins de 2011:

E foi através do Museu do Futebol que procurei o seu Domingos. Ele compartilhou a primeira lista de livros de futebol para a seleção de títulos do CRFB. A ideia era conseguir uma versão atualizada de tal lista. E assim, numa tarde de dilúvio, o bibliófilo e fundador do Memofut me recebeu em sua biblioteca onde tivemos uma rápida conversa de sete horas. Além de atrasar o jantar de Dona Vera, essa conversa tornou possível um trabalho conjunto na coleta e atualização de dados sobre livros de futebol que agora tornamos público.<sup>10</sup>

E na entrevista concedida a Gustavo Guimarães, Ademir Takara enfatizou a importância do trabalho em conjunto: “Foi um grande prazer ter feito o livro, tanto pela companhia do ‘Seu’ Domingos, quanto pela possibilidade de compartilhar tantos dados e informações, que, aliás, continuamos reunindo”.<sup>11</sup>

Segundo Domingos Antonio D’Angelo, nessa empreitada a dois, havia uma regra: “só tratar de livros produzidos no Brasil, com autores brasileiros, salvo raríssimas exceções ou traduções, sem que esta posição signifique qualquer xenofobismo”.<sup>12</sup> Como base para o trabalho, “[o]s livros *Gol de letra*, de Milton Pedrosa, e *Futebol é palavra* (sic), de Ivan Cavalcanti Proença, foram os inspiradores que deram o pontapé inicial definitivo para a produção deste texto” (Figura 1).<sup>13</sup> Por isso, ambas as obras figuram na seção “Preliminar”, da primeira parte do livro, intitulada “Um relato da literatura do futebol no Brasil”, de responsabilidade do Seu Domingos, como também é chamado.

<sup>7</sup> STYCER. Prefácio, p. 9.

<sup>8</sup> D’ANGELO. Apresentação, p. 11.

<sup>9</sup> STYCER. Prefácio, p. 10.

<sup>10</sup> TAKARA. Apresentação, p. 14.

<sup>11</sup> TAKARA in GUIMARÃES. Guardar o futebol, um “eterno plantão”, p. 170.

<sup>12</sup> D’ANGELO. Apresentação, p. 11.

<sup>13</sup> D’ANGELO. Apresentação, p. 11.



Figura 1 – obras que inspiraram o projeto do *Bibliofut*.

De acordo com Seu Domingos, “[a] obra [*Gol de letra*] é uma primorosa antologia (a primeira com o tema futebol) de contos, cenas de peças de teatro, poemas artigos e crônicas de destacados autores brasileiros”.<sup>14</sup> Já a obra de Ivan Cavalcanti Proença se destaca pelo seguinte aspecto: “Tendo como tema central o jogador de futebol, [*Futebol e palavra*] faz uma magistral análise da produção cultural com o tema futebol. Esta análise contempla a literatura e seus autores, e aborda o cinema e o teatro ligados ao futebol”.<sup>15</sup> Mais uma vez, em “Preliminares”, é enfatizada a importância de ambas as obras para o projeto de gestação do *Bibliofut*: “As duas obras, *Gol de letra* e *Futebol e palavra*, foram a base para a produção deste livro”.<sup>16</sup>

Em termos estruturais, a primeira parte do livro – “Um Relato da Literatura do Futebol no Brasil” –, conforme seus capítulos indicam, segue a conformação de uma partida de futebol decisiva, associada a fases da história do futebol brasileiro, numa espécie de “visita guiada a uma biblioteca”:<sup>17</sup> 1º Tempo do Jogo: 1ª Fase – Era Amadora (1895-1930), 2º Tempo do Jogo: 2ª Fase – Era Romântica (1931-1950), Prorrogação: 3ª Fase – Era de Ouro (1951-1970), Decisão por Pênaltis: 4ª Fase – A Geração Perdida (1971-1990), e Fim de Jogo: 5ª Fase – Era do Futebol Moderno

<sup>14</sup> D’ANGELO. Um relato da literatura do futebol no Brasil, p. 23.

<sup>15</sup> D’ANGELO. Um relato da literatura do futebol no Brasil, p. 27.

<sup>16</sup> D’ANGELO. Um relato da literatura do futebol no Brasil, p. 28.

<sup>17</sup> STYCER. Prefácio, p. 10.

(1991-2018). Segundo Domingos Antonio D’Angelo, tal estrutura foi inspirada na obra *Breve história do futebol brasileiro* (1996), de José Sebastião Witter, no intuito de “classificar as 4.570 obras literárias encontradas nesta pesquisa com o tema do futebol, publicadas no país, e cada momento da história do nosso futebol”.<sup>18</sup>

Todavia, em “Pré-temporada”, no início da Parte I do livro, Seu Domingos evidencia, por um lado, o objetivo da obra, que seria “levantar a bola”, “buscando resgatar o histórico da literatura que tenha o futebol brasileiro como tema” e, por outro, assevera: “Não se pretende fazer crítica literária ou escrever a história científica da literatura do futebol, porque não somos críticos literários e nem historiadores da literatura. É um simples relato, talvez uma reflexão, que o leitor possa também fazer”.<sup>19</sup> Sem dúvida, corroborando as palavras de Maurício Stycer, foi “uma levantada de bola feita com muito capricho, daquelas que deixam o atacante na cara do gol. Lance de craques!”.<sup>20</sup>

Logo no início da Parte I do livro, em uma seção intitulada “O preconceito”, Seu Domingos não se furta a uma questão: todo aquele que lida acadêmica ou artisticamente com o tema do futebol, em algum momento, teve ou tem de enfrentar o preconceito que o futebol, enquanto objeto de estudo ou de interesse artístico, ainda sofre, mesmo em nossos dias. Mais uma vez, o bibliófilo e cofundador do Memofut alude ao título da obra magna de Milton Pedrosa para lançar a questão:

Interessante observar que a expressão “gol de letra” significa, na linguagem “boleira”, um gol feito com muita classe/categoria.

Por que então o preconceito com o futebol? E, em decorrência, com a literatura do futebol? Qual seria a origem desse preconceito?

Negar que o preconceito existe é sem dúvida uma tentativa de escondê-lo ou um desconhecimento do assunto.<sup>21</sup>

Ainda me lembro de um episódio, pouco antes da Copa de 2014, quando um colega, catedrático em sua área, ao cruzar comigo no corredor da faculdade, me perguntou o seguinte, com um leve sorriso de escárnio: “E aí? Você vai ser convocado para a seleção?” E Seu Domingos pontua com propriedade o perfil de cenas como esta:

<sup>18</sup> D’ANGELO. Um relato da literatura do futebol no Brasil, p. 22.

<sup>19</sup> D’ANGELO. Um relato da literatura do futebol no Brasil, p. 19.

<sup>20</sup> STYCER. Prefácio, p. 10.

<sup>21</sup> D’ANGELO. Um relato da literatura do futebol no Brasil, p. 20.

Sem dúvida ele (o preconceito) diminuiu muito, mas ainda hoje temos depoimentos de professores, com grau de doutor, que recebem uma desaprovação de seus pares do meio acadêmico, por estudar e escrever sobre futebol. Ainda que essas desaprovações se façam de modo “escondido”, como é próprio daquele que tem um preconceito, mas não deseja demonstrar.<sup>22</sup>

A Parte I de *Bibliofut* também evidencia a competência com que Domingos Antonio D’Angelo geriu os diferentes temas e gêneros textuais, nas diversas fases históricas, segundo Takara, escrevendo “sobre o que na sua visão seria a biblioteca ideal do futebol, com os títulos mais importantes e autores mais relevantes”.<sup>23</sup> Nela, constam os diversos “clássicos” da “história do futebol no Brasil”, da “biografia”, da “história dos clubes”, da “história da seleção brasileira”, da “história das Copas do Mundo”, da “história das competições”, da “Sociologia, Pedagogia e Psicologia”, da “linguagem da bola/do Jornalismo”, das “antologias”, das “poesias”, dos “romances, ficções e crônicas”, da “literatura do futebol em Minas Gerais”, e de “humor, estórias e ‘causos’”. Em cada uma das seções, são apresentados autores e obras, formando, por assim dizer, um viés qualitativo pautado pela referencialidade e pelas preferências do bibliófilo.

Por sua vez, a segunda parte do livro, intitulada “Bibliografia Brasileira de Futebol”, cuja responsabilidade coube a Ademir Takara, se estrutura em 18 capítulos delimitados por assunto, que revelam o amplo e detalhado mapeamento efetuado pelo bibliotecário, num trabalho que durou anos de pesquisa na academia e no CRFB: 1- Referência, 2- Regras e Arbitragem, 3- Treino, Tática e Categoria de Base, 4- Biografia, 5- Copa do Mundo e Seleção Brasileira, 6- Clubes Brasileiros, 7- História e Competições, 8- Letras, 9- Jornalismo, 10- Filosofia, Ciências Sociais e Religião, 11- Torcida, 12- Estádios e Arquitetura, 13- Artes, 14- Economia, Matemática, Gestão e Negócios, 15- Direito, 16- Psicologia e Medicina, 17- Mulher e 18- Futebol Internacional.

Tal levantamento bibliográfico minucioso, assevera Ademir Takara, “teve por objetivo o registro dos livros impressos publicados no Brasil, no período de 1903 a 2018, com um total de 4.570 títulos identificados”.<sup>24</sup> Definiu-se o ano de 1903 como

<sup>22</sup> D’ANGELO. Um relato da literatura do futebol no Brasil, p. 20.

<sup>23</sup> TAKARA in GUIMARÃES. Guardar o futebol, um “eterno plantão”, p. 169-170.

<sup>24</sup> TAKARA. Introdução [da Parte II], p. 155.

o marco inicial por não haver registros de publicações de livros de futebol anteriormente. Para essa inferência, Ademir Takara teria se baseado na seguinte informação: “Segundo Thomaz Mazzoni, o primeiro livro publicado no Brasil foi o *Guia Sportivo* (Casa Vanorden, 1903), trabalho do jornalista Mario Cardim”.<sup>25</sup>

Além disso, na “Introdução” da Parte II de *Bibliofut*, Ademir Takara enumera as diversas fontes em que o trabalho de levantamento bibliográfico se referenciou, além de precisar os critérios empregados para definir quais obras seriam incorporadas à lista. Nesse sentido, em termos metodológicos, a pesquisa assumiu o seguinte perfil: “A opção foi por um levantamento quantitativo, e não qualitativo. Isto fez com que nunca houvesse uma preocupação em se definir se o título registrado era um ‘livro de futebol’ ou um ‘livro com futebol’”.<sup>26</sup> Na entrevista concedida a Gustavo Guimarães, Ademir Takara apontou também para o perfil do livro em termos de recepção:

Foi uma tiragem baixa, apenas 220 exemplares, mas o livro é destinado para todos os que gostam de futebol. Sem dúvida os literatos, os bibliófilos e os acadêmicos talvez tenham mais interesse. Mas gostaria de ouvir um dia, quem sabe, que um torcedor se interessou por literatura por causa do *Bibliofut*.<sup>27</sup>

Por fim, corroboramos as palavras de Maurício Stycer sobre *Bibliofut*, “o mais emblemático fruto da paixão que move os pesquisadores do Memofut”,<sup>28</sup> considerando-o em sua dinâmica que, de tempos em tempos, merece atualizações, conforme surjam novas publicações. Seu Domingos alerta para isso: “Não pretendemos esgotar o tema, o objetivo maior deste relato é que ele possa auxiliar pesquisadores e especialistas quando estudarem a literatura ou a história do futebol brasileiro”.<sup>29</sup> Porém, Ademir Takara sinaliza que, em princípio, não há a perspectiva de futuras reedições contendo dados atualizados:

Não acredito que este levantamento tenha uma segunda edição, porque, simplesmente, a impressão em papel já nasce desatualizada. Se tudo der certo, em algum momento, espero, todos os livros impressos ou digitais devem estar um dia registrados no Banco de Dados do Museu do Futebol.<sup>30</sup>

<sup>25</sup> TAKARA. Introdução [da Parte II], p. 155.

<sup>26</sup> TAKARA. Introdução [da Parte II], p. 156.

<sup>27</sup> TAKARA in GUIMARÃES. Guardar o futebol, um “eterno plantão”, p. 170.

<sup>28</sup> STYCER. Prefácio, p. 9.

<sup>29</sup> D’ANGELO. Apresentação, p. 11.

<sup>30</sup> TAKARA. Introdução [da Parte II], p. 158.

Contudo, para alguém, como eu, que, neste ano, iniciou a pesquisa sobre “Literatura e futebol no Brasil: dos primórdios aos dias atuais”, com apoio do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, a obra *Bibliofut* é um desses bálsamos que podemos levar às mãos e constatar a paixão e competência do bibliófilo Domingos Antonio D’Angelo e do bibliotecário Ademir Takara, ao trabalharem, irmanados, nessa obra de referência construída a partir da atualização de “lançamentos e descobertas ‘arqueobibliográficas’”<sup>31</sup> para todos aqueles que se dedicam aos estudos do futebol nas mais diversas áreas.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

D’ANGELO, Domingos Antonio. Apresentação; Um relato da literatura do futebol no Brasil. In: D’ANGELO, Domingos Antonio; TAKARA, Ademir. **Bibliofut**: a literatura do futebol brasileiro. Jundiaí/SP: Editora In House, 2019, p. 11-12; p. 17-151.

D’ANGELO, Domingos Antonio; TAKARA, Ademir. **Bibliofut**: a literatura do futebol brasileiro. Jundiaí/SP: Editora In House, 2019.

GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira. Guardar o futebol, um “eterno plantão”: entrevista com o bibliotecário Ademir Takara. **FuLiA/UFMG**. Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 156-170, maio-ago. 2019.

STYCER, Maurício. Prefácio: uma mina de ouro. In: D’ANGELO, Domingos Antonio; TAKARA, Ademir. **Bibliofut**: a literatura do futebol brasileiro. Jundiaí/SP: Editora In House, 2019, p. 9-10.

TAKARA, Ademir. Apresentação; Bibliografia brasileira de futebol; Introdução [da Parte II]. In: D’ANGELO, Domingos Antonio; TAKARA, Ademir. **Bibliofut**: a literatura do futebol brasileiro. Jundiaí/SP: Editora In House, 2019, p. 13-14; p. 153-384; p. 155-158.

\* \* \*

Recebido para publicação em: 14 abr. 2020.  
Aprovado em: 24 abr. 2020.

---

<sup>31</sup> TAKARA in GUIMARÃES. Guardar o futebol, um “eterno plantão”, p. 169.